

Em Tese

CENTRALIDADES EM DESLOCAMENTO: A VOZ QUE EMERGE DA FEIRA POPULAR E O SILÊNCIO DOS OUTROS

Moving centralities: the voice that emerges from the farmers market and the silence of others

Jesus Marmanillo Pereira

Doutor em Sociologia

Universidade Federal da Paraíba (UFPB), Departamento de Ciências Sociais, João Pessoa, Brasil

jesusmarmans@gmail.com

<https://orcid.org/0000-0001-5220-5567> 

A lista completa com informações do autor está no final do artigo 

RESUMO

O presente artigo visa problematizar a relação entre centralidade e periferia na cidade de Imperatriz, no estado do Maranhão, por meio de um viés processual atento ao trabalho de construção social da Feira do Bom Sucesso, localizada no bairro Bom Sucesso. Com base em autores como Burgess (2017), Bourdieu (1997), Feltran (2012), Telles (2010), Santos (1981), entre outros, se lançou reflexão sobre a construção de uma centralidade econômica na periferia que emergiu de mobilizações políticas, eventos e processos de mobilidade urbana. Para tanto, foi realizada uma etnografia de rua que propiciou a produção de imagens e aproximação com lideranças locais e trabalhadores cujos itinerários e histórias se mesclam com a própria feira.

PALAVRAS-CHAVE: Centralidade. Periferia. Mobilidade urbana.

ABSTRACT

This article aims to problematize the relationship between centrality and periphery in the city of Imperatriz, in Maranhão, through a procedural bias attentive to the social construction work of Feira do Bom Sucesso, located in the Bom Sucesso neighborhood. Based on authors such as Burgess (2017), Bourdieu (1997), Feltran (2012), Telles (2010), Santos (1981), among others, reflection was launched on the construction of an economic centrality in the periphery that emerged from political mobilizations, urban mobility event and processes. To this end, a street ethnography was carried out, which enabled the production of images and contact with local leaders and workers whose itineraries and stories merge with the fair itself.

KEYWORDS: Centrality. Periphery. Urban mobility.

1 INTRODUÇÃO

No esforço de construção de uma agenda de pesquisa na cidade de Imperatriz, no estado do Maranhão¹, o Laboratório de Estudos e Pesquisas sobre Cidades e Imagens (LAEPCI) realizou, entre 2014 e 2017, uma série de etnografias sobre as centralidades das praças daquela cidade². Nesse âmbito, verifiquei que a partir da década de 1950 ocorreu a chegada de um grande fluxo de migrantes de outros locais do Nordeste, ocasionando o aumento da área urbana e origem de novos bairros (Franklin, 2008). Tal fenômeno resultou na constituição de novas centralidades, como por exemplo na área comercial do bairro Bacuri e o próprio bairro Nova Imperatriz, que surgiu na década seguinte e foi habilmente observado e analisado por Fernandes e Sousa (2013).

Para Feltran (2012), há uma relação direta entre migração e periferia, já que as novas populações passam a ocupar as margens da cidade, em regiões pobres e carentes de serviços básicos. Já a realidade periférica é um rico campo de análise para o fenômeno da mobilidade urbana (Telles, 2010), uma vez que seus habitantes elaboram suas estratégias de sobrevivência, organizando-se e relacionando-se com a política.

Nessa relação entre as movimentações populacionais, as narrativas urbanas e (re)desenhos da cidade, o presente artigo visa analisar as novas centralidades em Imperatriz-MA, a partir do caso da Feira do Bom Sucesso, localizada no bairro de mesmo nome. Tal processo não se desenvolveu de forma isolada, pois por meio de caminhadas etnográficas observei que, além do bairro tradicional Mercadinho, onde há a maior feira livre de toda região Tocantina³ (Conceição, 2021), ocorrem também feiras semanais na Vila Lobão, Vila Nova e a mais “recente” no bairro do Bom Jesus, próximo à Vila Esperança.

Quando cito as “caminhadas etnográficas”, me inspiro na noção de “etnografia de rua” desenvolvida por Eckert e Rocha (2013), que é compreendida como um tipo de deslocamento em sua própria cidade. Para elas:

¹ Imperatriz é o segundo município maior do estado do Maranhão que possui 259.980 habitantes (IBGE, 2021) e está localizado a 624 km da capital São Luís, sendo próxima do estado do Pará e fazendo fronteira direta com o estado do Tocantins. Na ocasião, foram desenvolvidas pesquisas nas Praças de Fátima, Brasil, da Cultura e Mary de Pinho. Tais trabalhos valorizavam uma abordagem focada nas interações desenvolvidas pelos atores sociais e nos processos de centralidade que pulsavam de tais dinâmicas.

² Por meio da página do grupo, disponível em <https://www.laepci.com.br/>, é possível visualizar uma série de artigos e trabalhos de conclusão relacionados aos temas das praças e feiras.

³ Quando se faz referência ao bairro Mercadinho, também significa falar da feira. O bairro e a feira se mesclam de forma bastante íntima.

Uma etnografia de rua propõe ao antropólogo [...] o desafio de experienciar a ambiência das cidades como a de uma “morada de ruas” cujos caminhos, ruídos, cheiros e cores a percorrer sugerem, sem cessar, direções e sentidos desenhados pelo próprio movimento dos pedestres e dos carros que nos conduzem a certos lugares, cenários, paisagens, em detrimento de outros. Deslocamentos marcados por uma forma de apropriação dinâmica da vida cidadã, mas cuja apreensão pauta-se pela frequência sistemática do etnógrafo a uma rua ou uma avenida, um bairro ou uma esquina, etc. (Eckert e Rocha, 2013, p. 23).

Os deslocamentos citados me aproximaram da noção de *flâneur*, ou seja, aquele transeunte errante que é livre para viver a experiência da paisagem urbana em todos os sentidos e nos ritmos de seus próprios passos. Com viés próximo, Pétonnet (2008, p. 4) ressalta a importância de considerar os trajetos cotidianos e de “não mobilizar a atenção sobre um objeto preciso, mas em deixá-la ‘flutuar’ de modo que as informações o penetrem sem filtro, sem *a priori*”. Tais perspectivas significaram a confluência entre a valorização da experiência de campo na feira e a consideração das diversas relações e caminhos existentes entre a feira e o centro da cidade, entre ela e as histórias de vida das pessoas que a compõem.

Assim, uma primeira observação é que muitos casos de novas centralidades ocorreram em bairros considerados não apenas “distantes” geograficamente do centro comercial de Imperatriz-MA, mas também com certa distância social (Bogardus, 1972), como é o exemplo da Vila Lobão, da Vila Esperança do Bom Sucesso e Bom Jesus – locais noticiados cotidianamente com ênfase na criminalidade e estigma de violência. Contrastando-se com essas feiras que emergem de forma espontânea em locais marcados pela falta de serviços públicos básicos, notei que grandes empresas atacadistas como o Mateus, Atacadão e Assaí construíram unidades locais, respectivamente, nos anos de 2010, 2011 e 2020, oferecendo outra proposta “higienizada” de experiência de consumo.

Sobre esse fenômeno, Bonamichi (2013) observa que há uma ideologia do urbanismo progressista que nega a rua como lugar de permanência, inserindo as feiras públicas como um local obsoleto, arcaico e inseguro. Sobre essa tensão entre modernidade e “pré-modernidade”, Foucault (2007) já sinalizava a existência de um projeto moderno de controle e disciplinamento dos corpos no espaço, através dos casos da medicina urbana, medicina do trabalho e de estado. Essas tensões também foram observadas por Sant’Anna e Pio (2018), quando analisaram o processo de revitalização da área portuária do Rio de Janeiro e seus efeitos na área da Praça da Harmonia. Eles verificaram que as modificações no espaço urbano geraram um campo político, mobilização de agentes públicos e dos interesses de empresas privadas, lideranças e associações. No caso da cidade de

Imperatriz-MA, os disciplinamentos e poderes de organização espacial seguem linhas semelhantes, privilegiando os fluxos de capital ligados aos grandes projetos de ocupação e exploração da fronteira amazônica.

Nesse contexto, o objetivo desse artigo é trazer uma narrativa etnográfica que demonstre a Feira do Bom Sucesso enquanto um processo social de construção da urbe. Compreendendo-a como um lugar marcado por sociabilidades e dinâmicas internas, e por uma trajetória que se confunde com a própria história do bairro Bom Sucesso. Para tanto, considere uma perspectiva descritiva (Telles, 2010) atenta às mobilidades urbanas, compreendidas, aqui, nas trajetórias habitacionais, nos percursos ocupacionais, nos deslocamentos cotidianos e nos circuitos que articulam trabalho, moradia e serviços urbanos. Para Telles (2010), tais mobilidades se expressam em três linhas de intensidade compostas pelos tempos biográficos dos atores urbanos, por práticas urbanas que deixam suas marcas no espaço que se objetivam no diálogo com outras histórias e, por fim, nos eventos políticos que operam em relação às práticas e conjunto de atores, com suas respectivas relações.

Portanto, a pesquisa de campo se valeu de diálogos informais com os comerciantes, entrevistas, pesquisa com arquivos e uma imersão em campo que possibilitou uma aproximação com as três linhas citadas. Já os registros fotográficos seguiram uma perspectiva fotoetnográfica, ou seja, valorizaram uma mescla entre a linguagem fotográfica e viés teórico antropológico. Para Achutti (2004), a pesquisa fotoetnográfica trata da imersão no campo de pesquisa, com o uso da câmera fotográfica. Para concluir, o presente artigo foi organizado em dois tópicos, nos quais o bairro do Bom Sucesso e a sua feira serão narrados: 1) em relação à cidade de Imperatriz-MA e a própria construção sócio-histórica do bairro; e 2) por um exercício de etnografia de rua, no qual será demonstrado um pouco da dinâmica da feira em relação à construção da paisagem atual. Com os dois tópicos, almejo expor os processos sociais e políticos subjacentes à construção de uma nova centralidade ocorrida naquele recorte.

2 QUANDO A FEIRA GANHOU VOZ

O bairro do Bom Sucesso fica a 5 km de distância do centro de Imperatriz e tem sua história relacionada com a expansão dessa cidade. Sobre isso, os estudos de Noleto (2012) e de Fernandes e Sousa (2013) discorrem que durante a década de 1960, a cidade se expandiu para o norte dando origem ao bairro Nova Imperatriz, que é caracterizado por

uma concentração de bancos, comércios varejistas e de prestação de serviços. Na década seguinte, ocorreu a continuidade desse processo, ocasionando uma expansão horizontal das habitações e comércios que originaram uma área conhecida como “a grande Santa Rita”, no interior da qual surgiu o bairro do Bom Sucesso e sua feira. De forma mais detalhada, sabe-se que

O bairro Santa Rita surgiu no final dos anos setenta, em acréscimo a Nova Imperatriz e Boca da Mata, e cresceu rapidamente com o lançamento de vários loteamentos. A empresa imobiliária que aprovou o loteamento Santa Rita. Por exigência da prefeitura, abriu-se uma avenida bastante larga a partir do cemitério do campo da saúde e em direção a Belém-Brasília e sugeriu o nome de Avenida Industrial (Noletto, 2012, p. 84).

A Avenida Industrial é considerada uma linha divisória que separa o bairro do Bom Sucesso do bairro São José, constituintes da “Grande Santa Rita”. A área que compreende a Feira do Bom Sucesso pode ser observada ao longo da Rua Quintino Bocaiúva e de suas transversais⁴, formando uma estrutura similar a uma espinha de peixe (figura 1). Trata-se da principal rua da feira, considerada o verdadeiro centro nervoso que se estende da Avenida Industrial até a Rua Bom Jesus.

Figura 1 – Mapa da localização da Feira



Fonte: Google Street (2018)

Segundo o jornal da associação de moradores do bairro do Bom Sucesso, a Feira do Bom Sucesso surgiu oficialmente em setembro do ano de 1987, compreendendo as ruas Quintino Bocaiúva, José de Alencar, Raimundo Moraes e São Vicente de Paula. Do processo inicial, sabe-se que ocorreu quando o presidente da associação de moradores da

⁴ Ruas José de Alencar, Raimundo de Moraes (Rua do Peixe) e São Vicente de Paula.

época, o senhor Pedro do Santo Ambrósio, conhecido popularmente como Sr. Ambrósio, juntou-se com dezessete feirantes do bairro e localidades próximas e ocuparam o lugar.

Das três ruas citadas, é importante destacar que a Rua Raimundo Moraes, conhecida como Rua do Peixe, também é o lugar onde se localiza a associação do bairro. E foi nela que a referida associação instalou um sistema de alto-falantes conhecido como “Voz”⁵, que se tornou um importante meio de comunicação e articulação daquela população. Para Nascimento (2023), esse sistema local de comunicação beneficiou os feirantes, com a divulgação e valorização dos produtos oferecidos por eles, e até atraiu comerciantes e compradores de outras partes da cidade. Como exemplo, cita o caso de Luís Teixeira Lima, um feirante que trabalhava na feira há 35 anos e que divulgava seus produtos naquele sistema comunicativo por um valor simbólico de apenas R\$2 pelo anúncio.

Assim, os processos de comunicação e expansão da feira estavam diretamente interligados a algumas iniciativas do Sr. Ambrósio, um senhor de 84 anos que era um agricultor piauiense da cidade de União. Sendo responsável pela articulação que possibilitou a fundação da associação de moradores em 1985, e a da feira em 1987, ele relata que:

Naquela época existia a Feira do Bacuri e parece que a da Vila Nova. A feira mais próxima que tínhamos ficava na Nova Imperatriz e no Mercadinho! Então, em 1987, peguei um carro de som e passamos uns dias na rua tentando mobilizar o povo. Falávamos que haveria a primeira feira livre comunitária do Bom Sucesso e o pessoal nem sabia o que era isso. Fizemos uma reunião com um número pequeno de moradores daqui do bairro... Essa rua que naquele tempo tinha poucas casas, mas era central. Por isso resolvi entrar nessa luta para fundar essa feira (Ambrósio, entrevista realizada em 08 de julho de 2018).

A questão da localização e da distância do Bairro do Bom Sucesso em relação às feiras da Nova Imperatriz, do Mercadinho (centro da cidade) e do bairro do Bacuri é um aspecto importante para se reafirmar uma justificativa para a feira no Bairro do Bom Sucesso. Quando verifiquei a distância entre o centro da cidade, os bairros e as feiras, fez-se importante considerar a observação de Burgess, quando nota que:

Esta diferenciação em agrupamentos econômicos e culturais naturais **conforma e caracteriza a cidade. A segregação oferece ao grupo e, portanto, aos indivíduos que compõem o grupo, um lugar e um papel na organização total da vida da cidade. A segregação limita o desenvolvimento em certas direções, mas o libera em outros.** Estas áreas tendem a acentuar certos traços, de modo a poder atrair e desenvolver

⁵ Em 1998, a associação de moradores criou a rádio “Maranhão do Sul”, considerada a primeira emissora comunitária da cidade

o seu tipo de indivíduos, e assim tornarem-se mais diferenciadas (Burgess, 2017, p. 67, grifos próprios).

A citação chama a atenção para observar a área segregada em relação a cidade e, também, de considerar traços que lhe são mais próximos e específicos. Dessa forma, embora a localização mais geral em termos de cidade seja um ponto recorrente na fala de muitos feirantes, em termos de uma dinâmica própria da “grande Santa Rita”, a Feira do Bom Sucesso também constitui um ponto central já que se localiza entre os bairros Santa Rita, São José, Boca da Mata e é próximo ao Parque Planalto, Parque São José.

Sobre a caracterização das feiras e bairros, Sousa (2015) observa que a Feira do Bom Sucesso poderia ser classificada, segundo a perspectiva de Milton Santos, como um tipo de circuito inferior de economia urbana. Antes que se interprete esse pesquisador de maneira equivocada como elitista ou algo assim, é importante ressaltar que para Santos (2004) as desigualdades e disputas nas cidades também se manifestam na maneira como os serviços são vendidos e prestados em relação ao poder econômico das classes. Colocando em outros termos, diria que a moderna economia urbana coexiste com uma economia de baixo poder aquisitivo e investimentos, ligada à chegada maciça de migrantes. Para Santos:

O circuito inferior também poderia ser bem definido segundo a fórmula de Lavoisier: “Nada se perde, nada se cria, tudo se transforma...” O jornal usado torna-se embalagem, o pedaço de madeira se transforma em cadeira, as latas, em reservatórios de água (Santos, 2004, p. 199).

Portanto, a ideia de inferioridade se justifica em relação aos recursos materiais disponíveis, que no caso da Feira do Bom Sucesso eram inicialmente precários, já que em fotografias históricas da década de 1980 é possível observar a venda de gelo e peixes em caixas de isopor. A própria pesquisa de Sousa (2015) possui fotografias de 2014 nas quais se observam produtos sendo vendidos sobre suas próprias caixas e tábuas.

Para evitar mal-entendidos, prefiro pensar em termos de “circuitos possíveis”, em vez de circuitos inferiores. Isso porque tais fenômenos podem, e devem, ser inseridos em contextos mais amplos constituídos por uma economia urbana, por outros atores sociais e condições diferenciadas que propiciam tais desigualdades e segregações. Sobre isso, vale ressaltar o caso da feira do bairro Nova Imperatriz, onde a prefeitura construiu e inaugurou um mercado no bairro, com boxes organizados, tal como fez com o mercado do peixe e com o bairro Beira Rio.

Já a Feira do Mercadinho, além da localização próxima a BR-010, que favorece a circulação de caminhões, possui boxes e um mercado também construído pela prefeitura.

Dessa maneira, a organização interna das feiras e sua caracterização enquanto circuito depende dessas possibilidades de localização e investimento. Algumas distinções organizacionais podem ser verificadas em um levantamento realizado e sistematizado por Sousa (2015):

Tabela 1 - Principais feiras de Imperatriz-MA

Denominação	Localização/Bairro	Quantidade de Feirantes	Organizações
Feira do Bom Sucesso	Bom Sucesso/Santa Rita	78	Não
Feira do Bacuri	Bairro Bacuri	146	Sim
Feira do Mercadinho	Bairro Mercadinho	228	Sim
Feira da Nova Imperatriz	Bairro Nova Imperatriz	102	Sim
Feira da Vila Lobão	Bairro Vila Lobão	88	Não
Feira/Mercado Bom Jesus	Bairro Centro	38	Não
Total	06	680	-

Fonte: Sousa (2015)

De acordo com o levantamento, que conta com dados da Secretaria de Abastecimento do Município de Imperatriz, fica evidente que a concentração de vendedores e ordenamento dos espaços ocorre no centro da cidade, com a Feira do Mercadinho, e nos dois bairros vizinhos do Bacuri e Nova Imperatriz. A única exceção⁶ de melhores condições no centro da cidade ocorreu com o Mercado Bom Jesus, no bairro Beira Rio. Esse último caso pode ser compreendido de acordo com o abandono econômico da região, pois houve um deslocamento gradativo do capital das primeiras áreas históricas da cidade para as novas áreas próximas a BR-010, resultando no deslocamento de algumas atividades comerciais e da própria elite local para novas áreas na urbe (Pereira, 2016).

Já as feiras da Vila Lobão, Bom Jesus e do Bom Sucesso são as mais afastadas, com menor concentração de feirantes. Pelo viés explicativo de Burgess (2017), elas estariam relacionadas a segregação e significam outras maneiras de “aperfeiçoar” e extrair o melhor possível das dinâmicas internas desses locais. Já tomando como referência os estudos de Elias (2000), e o que foi narrado até agora, é possível pensar o caso do bairro “Bom Sucesso” e sua feira, como *outsiders* em relação aos outros bairros e feiras centrais. Isso porque, tal como as comunidades de Winston Parva, há uma diferenciação entre

⁶ Além disso, o estudo não citou a feira da Vila Nova, outra importante centralidade que tem ocorrido na cidade.

bairros e suas respectivas feiras. Uma diferenciação que é pautada com base no tempo de formação e na maneira como se organizam.

Para se ter noção das representações que circulam sobre o Bom Sucesso, basta pesquisar na mídia local e se deparar com títulos como: “Jovem de 19 anos é morto a tiros no bairro Bom Sucesso em Imperatriz” (Bico 24 horas, 14/11/2021)⁷; “Homem é assassinado no Bom Sucesso em Imperatriz” (Oprogressonet, 18/04/2022)⁸; “DHPP investiga assassinato no Bom Sucesso em Imperatriz” (Oprogressonet, 09/05/2023)⁹. Trata-se de informações que são incorporadas em uma luta de classificação, dentro da estrutura urbana local. Sobre a relação entre características sociais, distinções e representações do espaço, Bourdieu explica:

Na luta e por exigências da luta e que funcionam princípios de divisão, indissoluvelmente, lógicos e sociológicos que, ao **produzirem conceitos, produzem grupos, os próprios grupos que os produzem e os grupos** contra os quais eles são produzidos. **O pretexto das lutas a propósito do sentido do mundo social é o poder sobre os esquemas classificatórios e os sistemas de classificação que se encontram na origem das representações e, por conseguinte, da mobilização e desmobilização dos grupos** (Bourdieu, 2007, p. 444, grifos próprios).

O trecho faz pensar na relação entre as classificações que hierarquizam a Feira do Bom Sucesso em relação à cidade. Isso porque ao apontar características negativas como a falta de organização, ausência de segurança, a falta de estrutura e de serviços públicos, está reafirmando uma distinção entre o bairro periférico e o centro. Essa situação pode ser verificada na reportagem “Ponte de concreto será construída no Santa Rita”, veiculada no jornal *Correio Popular* (08/03/2013)¹⁰. Nela, o prefeito comentava sobre a construção de uma ponte na gruta José de Alencar, na Feira do Bom Sucesso, destacando que: “[...] lá as pessoas conviviam há mais de 30 anos com o esgoto a céu aberto”.

Por outro lado, também houve a formação de uma associação de moradores do bairro, a construção do jornal da associação, do sistema de alto-falantes e, posteriormente, a criação da própria rádio “Maranhão do Sul”, considerada a primeira emissora comunitária da cidade. Esse conjunto de esforços significou uma importante via de expressão e reivindicação em defesa do bairro.

⁷ Disponível em: <https://bico24horas.com.br/noticia/jovem-de-19-anos-e-morto-a-tiros-no-bairro-bom-sucesso-em-imperatriz/27048>. Acesso em: 28 out. 2023.

⁸ Disponível em: <https://oprogressonet.com/noticia/18010/homem-e-assassinado-no-bonsucesso-em-imperatriz>. Acesso em: 28 out. 2023.

⁹ Disponível em: <https://oprogressonet.com/noticia/31634/dhpp-investiga-assassinato-no-bonsucesso-em-imperatriz>. Acesso em: 28 out. 2023.

¹⁰ Disponível em: <http://www.joimp.ufma.br/img/acervo/9a42ca68ceade082c9ba61e6ac321278.pdf>. Acesso em: 28 out. 2023.

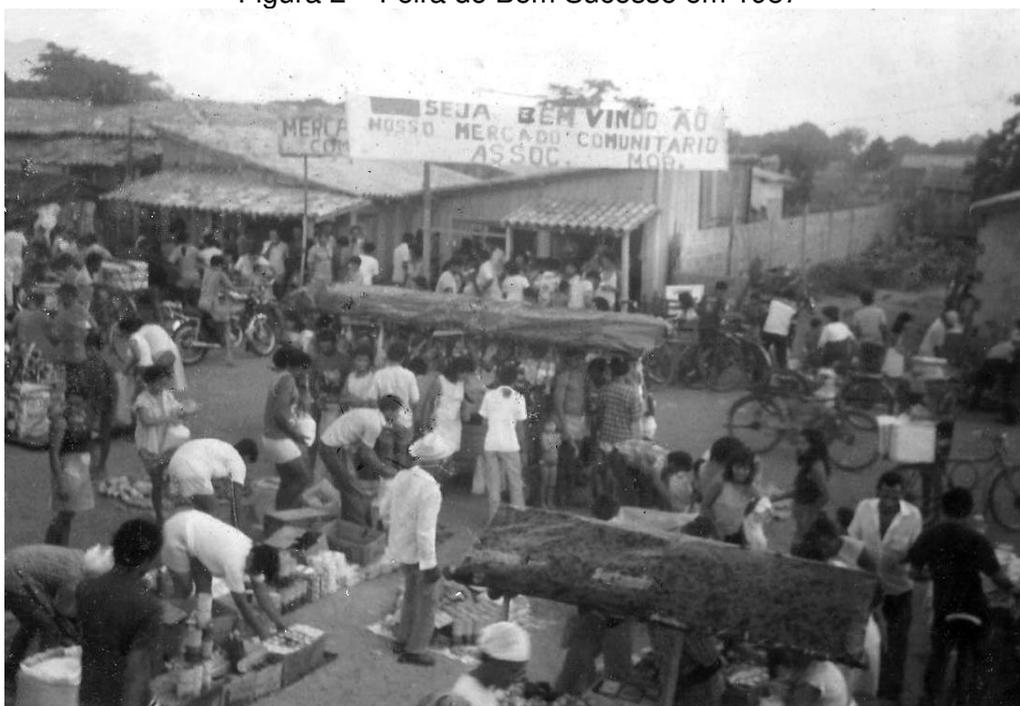
Com isso, as diferenças de classificação são diretamente ligadas às posições e localizações espaciais da urbe, por exemplo: de fora do bairro é provável que se criem a visões estigmatizadoras em relação ao Bom Sucesso, mas o processo organizativo em torno da feira sinaliza um caminho para a institucionalização daquele mercado popular a céu aberto, seguindo uma lógica contrária ao estigma. Sobre essas oposições que mesclam aspectos sociais e espaciais, vale considerar que:

A estrutura do espaço social se manifesta, assim, nos contextos mais diversos sob a forma de **oposições espaciais**, o espaço habitado (ou apropriado) funciona como uma espécie de **simbolização espontânea do espaço social**. Não há espaço, em uma sociedade hierarquizada, que não seja **hierarquizado e que não exprima as hierarquias e as distâncias sociais**, sob uma forma (mais ou menos) deformada e, sobretudo, dissimulada pelo efeito de naturalização que a inscrição durável das realidades sociais no mundo natural acarreta (Bourdieu, 1997, p. 160, grifos próprios).

Como mencionado no início desse tópico, há um tipo de paralelismo entre distância geográfica e social, a mídia e as características urbanas do lugar reforçam uma distinção que é à base da reprodução de segregações, hierarquias e diferentes maneiras de distribuição de recursos e serviços públicos. Trata-se de pensar como a reprodução das desigualdades sociais se materializa nas paisagens urbanas.

Nessa luta simbólica que possui efeitos materiais, a associação de moradores expressa um trabalho social que visa à institucionalização e legitimidade para a Feira do Bom Sucesso. Isso ficou evidente quando tivemos acesso a um pequeno acervo de fotografias e jornais conservados por lideranças da associação. A fotografia extraída do jornal da associação (figura 2) é um exemplo desse zelo com a memória local. Por meio dela, se observa o cenário de 1987 e se tem um parâmetro para compreender mudanças nas paisagens.

Figura 2 – Feira do Bom Sucesso em 1987



Fonte: O Comunitário (2005)

A figura 2, feita há 36 anos, demonstra uma série de mudanças na estrutura de venda dos produtos, expostos em lonas colocadas no chão ou em caixas. Ela indica um momento no qual o bairro não era totalmente ocupado e não possuía asfalto. A imagem mostra que a feira possuía poucas bancas e um grande volume de bicicletas – um meio de transporte bastante utilizado, na cidade, até a década de 1990. Outro dado importante é uma grande placa com os dizeres: “Seja bem-vindo ao nosso mercado comunitário”, sinalizando o aspecto da mobilização política realizada para a construção da própria feira.

De forma distinta, em 2018, o chão era asfaltado e havia o funcionamento de um grupo especializado em montagem e aluguel de bancas (figura 3), possibilitando melhor maior proteção dos produtos. Logo, o nível de organização também foi modificado, pois inicialmente as bancas ficavam totalmente sob a responsabilidade dos feirantes. Nos dias atuais, no processo de ocupação do logradouro, as bancas são montadas durante a noite e madrugada do sábado para o domingo, e desmontadas após o meio-dia de domingo.

Figura 3 – Trabalhador da montagem de barracas



Fonte: Pereira (2018)

Por outro lado, Torres (2012) destaca que nos momentos iniciais da feira, o líder comunitário Pedro Ambrósio prestava o serviço de limpeza do espaço da feira em troca de uma pequena taxa. Com o afastamento dele, a responsabilidade pela limpeza passou para os próprios feirantes, em seus respectivos espaços. Enfim, por uma metodologia visual (Loizos, 2002), as diferentes fotografias feitas no intervalo de 36 anos apontam mudanças na paisagem do bairro.

Tais inferências seguem o mesmo sentido das declarações dadas por Antonia Fátima de Sousa dos Santos, que reside e trabalha no lugar há 36 anos. Ela explica que quando chegou de Buritiana naquele lugar, a feira era composta por poucas bancas em uma área com poucas residências e com terrenos baldios (figura 2). Segundo ela, aquela área que constitui o bairro do Bom Sucesso era ocupada, antes, por produtores adeptos da agricultura familiar que foram se adaptando às dinâmicas locais.

Essa situação expressa uma forma de mobilidade urbana (Telles, 2010), por meio da mudança no percurso ocupacional relatado por Antonia Fátima. Trata-se da mobilização de um tempo biográfico dela que aponta o trânsito entre a agricultura familiar e as práticas urbanas na feira. Enfim, sinalizam mudanças na paisagem e modo de vida. Ao buscar mais informações sobre aqueles momentos iniciais, obtive a informação com o Sr. Ambrósio (2018) de que, em setembro de 1987, a feira foi iniciada com dezessete bancas. Sobre aquele contexto, ele destaca:

[...] bem aqui onde estou existia um **vizinho que acreditava na feira**. Daí [SIC] **conversei com ele, explicando que deveria acreditar já que morava no lugar e olhava aquela nossa luta há algum tempo**. Ele me disse que tenho o desejo de vender carne bovina, então falei que poderia comprar e trazer o boi porque no dia 13 de setembro de 1987 iria ocorrer a primeira feira livre. Naquele domingo ele trouxe o boi e vendeu tudinho. Foram dezessete bancas e um sucesso de vendas. Na época alguns políticos foram contra a feira. Faziam críticas porque a feira era no meio da rua (Ambrósio, entrevista realizada em 08 de junho de 2018, grifos próprios).

O trecho enfatiza a importância das relações de vizinhança e sinaliza um viés comunitário que integra o projeto da feira. Observei, posteriormente, no próprio jornal comunitário da associação de moradores, que a relação com o poder público da época era complicada não apenas em relação à feira, mas também com a própria ausência de serviços públicos no bairro, como é possível verificar no trecho seguinte:

Cansados de esperar pela ação do poder público municipal, moradores do Bom Sucesso, **fizeram mutirão comunitário para recuperar** a rua Raimundo de Moraes [...] incomodados com a situação, e depois da Associação dos Moradores do Bom Sucesso **ter feito várias reivindicações à Secretaria de Obras, mas sem resposta, moradores compraram materiais de construção, e decidiram recuperar o trecho** (O Comunitário, edição de abril e maio de 2005, grifos próprios).

É importante ressaltar que a situação de dificuldade e a relação “nós” x “eles” para compreender a relação entre a comunidade e o poder público é um tipo de motor propulsor. Na perspectiva de Santos (1981), essa falta de estrutura pode ser compreendida como um “evento mobilizador”:

O evento mobilizador funciona como uma força aplicada, em geral exercida por um ator de peso como o poder público (agente local do estado) ou alguém capaz de manejá-lo (empresas privadas ou mesmo indivíduos). **O evento vai ser a expressão concretizada da negação de uma aspiração de consumo coletivo de uma facilidade urbanística qualquer**. Negar ou contrariar também podem ser tidos como descaso, **quando o poder público não dá o mínimo de atenção à solução de problemas básicos como transporte, abastecimento de água, recolhimento de lixo etc.** (Santos, 1981, p. 219, grifos próprios).

Quando estudou os movimentos urbanos do Rio de Janeiro, Santos (1981) buscou compreender como tais eventos estavam relacionados com determinadas arenas e campos de poder que propiciavam a existência de determinadas bandeiras de luta. No caso do bairro do Bom Sucesso, a precariedade da estrutura urbana local e a indiferença da Secretaria Municipal de Obras, que ignorava aquela situação e as ações da associação de moradores, “estimularam” a população para a realização de um mutirão como ato político. Segundo Caldeira (1956), o mutirão é uma forma de ajuda mútua presente em várias situações históricas desde Yucatán até os indígenas e camponeses no Brasil. De forma

genérica, ele observa que se trata de atividades coletivas solidárias que ocorrem em determinados casos.

Figura 4 – A mobilização em imagens



Fonte: O Comunitário (2005)

Na composição da figura 4, é possível observar o registro do mutirão para recuperar a Rua Raimundo de Moraes, em 2005, e uma manifestação política para mobilizar a população em prol da feira, ocorrido na Rua do Peixe em 1987.

A situação do mutirão, observada nos jornais e coletada nos relatos de moradores, mostra um quadro similar ao descrito por Filadelfo (2022), quando percebeu casos de mutirão na zona leste de São Paulo em situações nas quais os moradores dos bairros periféricos se encontravam desassistidos, nos processos iniciais de ocupação. Curiosamente, as expressões citadas pelos interlocutores dele (“aqui só era mato”, “aqui não tinha nada” ou ainda “aqui era só terra”), relacionadas aos estudos sobre segregação centro-periferia, também foram presentes no caso do bairro Bom Sucesso.

Sobre a figura 4, vale salientar que segundo o antigo líder comunitário e Dona Socorro, que trabalha há 20 anos no Armazinho Mayara, próximo à Avenida Industrial, as primeiras bancas foram colocadas na Rua Raimundo de Moraes, conhecida como a Rua do Peixe. Tal fato caracterizou esse logradouro como um espaço privilegiado na ocorrência das reivindicações e mobilizações políticas daquele lugar. É também o local onde se

concentram algumas bancas de venda de pescados, gelo e outros produtos de origem animal.

3 CAMINHADAS PELA FEIRA

Em uma breve caminhada pela Rua Quintino Bocaiúva, facilmente se observa relações de afeto, de desconfiança e expressões de sentimentos que seguem o sentido contrário das relações mediadas pela informatização e autoatendimento dos supermercados da rede. Longe da frieza e objetividade de uma grande rede de supermercados e da substituição das relações primárias (Simmel, 1979), a Feira do Bom Sucesso é o lugar onde o pesquisador observa e vive uma série de emoções a cada contato e experiência.

É importante ressaltar que também se trata de um local de conflitos e negociações em torno do espaço, pois, segundo Torres (2012), os moradores da Rua Quintino Bocaiúva relataram que o trânsito de veículos no local foi prejudicado por conta de feirantes que expandiram seus *stands* para além das calçadas. Já por meio da imprensa local e órgãos oficiais, observamos que desde 2017 a ocupação da calçada de um colégio para a construção de uma série de boxes tem gerado uma série de diálogos entre o Ministério Público Estadual, a prefeitura local e alguns vendedores.

Nesse contexto, os órgãos oficiais se amparam na Lei Municipal Nº 1.095/2004 (Imperatriz, 2004) que proíbe o funcionamento de barracas ou similares em passeios, ruas e outros espaços públicos. Já alguns feirantes envolvidos afirmam desconhecer que é errado ocupar a calçada, outros são acusados de construir os boxes e alugar. Sobre o posicionamento deles, a reportagem da Imirante Imperatriz (2017) destaca a fala do senhor Francisco José de Silva de 56 anos e que paga aluguel em um dos boxes em questão. Segundo ele: “Quem devia saber que é errado ocupar são os donos que alugaram o local para nós. Mas quando eu cheguei aqui há sete anos, eles todos vendiam aqui do lado de fora, por isso eu coloquei aqui” (Imirante Imperatriz, 2017).

Todo esse contexto de tensão foi experienciado em um contato com o próprio Francisco José, que demonstrou uma atitude desconfiada, junto com outros dois vendedores dos boxes vizinhos. Sobre isso, Mott (2000, p. 29) explica que “um dos principais problemas de quem pesquisa feira é a desconfiança do vendedor em relação ao pesquisador. O vendedor ‘via de regra’ vê o pesquisador como ‘fiscal, preposto da prefeitura’”. Segundo o ex-líder comunitário, Pedro Ambrósio, não ocorreu interferência da

associação por reconhecer que a questão era de ossada da prefeitura, contudo ele diz não concordar com a atitude de ficar vendendo ou passando espaços de um para outro.

Outro aspecto que pode ser destacado a respeito da Feira do Bom Sucesso é a diferença na sua forma de funcionamento no domingo e nos outros dias da semana. Durante a semana, é possível notar que área da feira tem o comércio caracterizado por meio de pontos fixos e poucas bancas na rua.

Figura 5 – Dia de semana e domingo com lonas de proteção



Fonte: Pereira (2018)

Já nos domingos, ocorria uma grande concentração que ocupava toda extensão da Rua Quintino Bocaiúva, compreendida entre a Rua Bom Jesus e a Rua São Vicente de Paula. Essa dinâmica cotidiana possui grande influência no processo de inserção em campo, uma vez que durante a semana a menor movimentação deixa o pesquisador mais evidente e suscetível aos olhares nativos, enquanto aos domingos era possível ser levado no movimento e se misturar no grande número de cores, sons e estímulos¹¹. Na composição da figura 5, nota-se essa diferença de adensamento de pessoas, pois nos domingos as ruas são totalmente ocupadas, não restando espaço para o fluxo de carros pela Rua Quintino Bocaiúva. Outro ponto que chama atenção são as lonas azuis, das barracas, que vão de um lado a outro e oferecem proteção contra o sol.

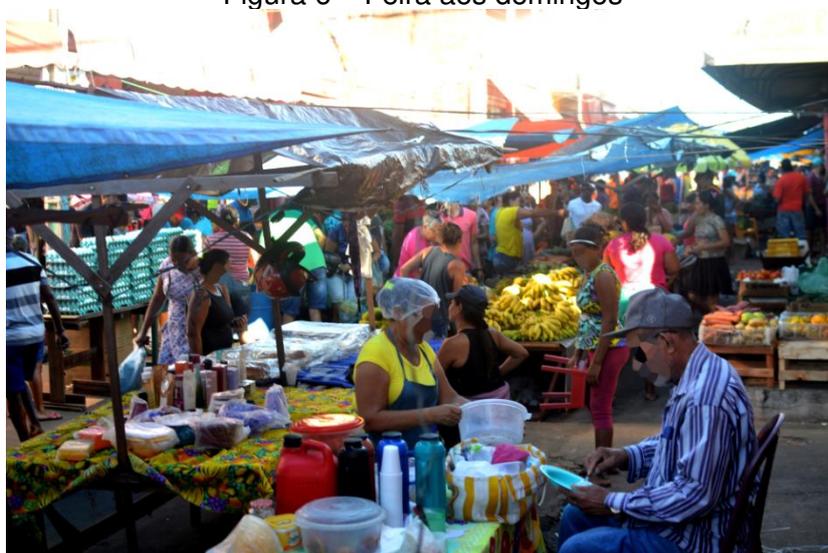
Ao longo da área, os comércios de embalagens plásticas e de gelo eram totalmente associados a outros pontos e bancas de comercialização de frutas, verduras e carnes. As relações ecológicas também foram observadas por meio de uma série de vendedores de

¹¹ As experiências dominicais possibilitaram a observação flutuante (Pétonnet, 2008) sem chamar atenção dos nativos. Já durante a semana, é possível dialogar com mais calma e ser notado com muito mais facilidade. Em uma dessas ocasiões, tive contato com a vendedora Mayara (citada anteriormente) que me indagou sobre o nosso objetivo no local.

lanches que supriam tanto as necessidades de alguns trabalhadores das barracas, de transeuntes e trabalhadores braçais do transporte ou montagem. Assim, os diferentes tipos de relações sociais sinalizam um microsistema de ecologia humana.

As bancas de alimentos se destacam pela venda de bolos e comidas regionais como cuscuz de arroz, cuscuz de milho, bejú, café e leite. Existem também comerciantes móveis que se deslocam, como carrinhos de salada de frutas, bicicletas (bike lanche) com pastéis e sucos, entre outros. Dentro desse contexto, insere-se Antonia Fátima de Souza Santos, conhecida como Dona Fátima. Ela disse que, no final da década de 1980, comprou um terreno no Bom Sucesso e há dez anos vende café de manhã na feira do bairro. Explicou, ainda, que ingressou nesse tipo de trabalho por conta de uma situação de desemprego, e que aquela área tem se valorizado tanto que ela até já recebeu propostas para vender a casa. Pondera que se afastar dali significaria se afastar da própria “fonte de sustento”. A estratégia de sobrevivência por meio da mudança ocupacional, materializada na prática da venda de alimentos, sinaliza uma forma de mobilidade (Telles, 2010), já que descreve um itinerário desse ator social. Além disso, trata-se de uma história de vida que é representativa e que se mescla com a própria história da feira.

Figura 6 – Feira aos domingos



Fonte: Pereira (2018)

Na figura 6, há um senhor se alimentando em uma banca próxima à Rua do Peixe, e a direita vemos Dona Fátima mexendo na gaveta com o dinheiro proveniente da venda do lanche, em sua banca localizada próximo à Rua São Vicente de Paula. A história de

Dona Fátima exemplifica bem as conclusões feitas por Torres a respeito do perfil dos trabalhadores do lugar. Segundo a autora:

Os primeiros feirantes eram pessoas de baixa renda, a maioria sem emprego. Com o passar do tempo, alguns permanecem em suas barracas com as mesmas características iniciais, mas a maioria das barracas deu lugar a lojas comerciais de médio porte (Torres, 2012, p. 10).

Além de sinalizar uma situação econômica dos feirantes, o estudo também aponta para uma divisão entre comércios pequenos e médios que acabam sendo representados nas disposições espaciais. Algumas casas residenciais se tornaram pontos fixos onde observamos lojas de variedades, de roupas, de eletrodomésticos, e ainda farmácias, supermercados e também açougues e comércios de verduras, temperos e utensílios para criação de animais e para a casa.

Em adição a esses comércios que se valem dos espaços das casas e de estruturas de alvenaria, tem-se as bancas de verduras, temperos, produtos importados e roupas que ocupam as calçadas e parte das ruas, durante os dias de semana. Aos domingos, toda a rua é ocupada por feirantes e comerciantes que desenvolvem um sistema de trabalho itinerante, sendo, portanto, oriundos de outras feiras e locais. A dinâmica da feira tem atraído lojas de departamento e redes regionais e nacionais como o Armazém Paraíba, Lojas Sorriso, Cred Móveis, Paráboi, Farmácia do Trabalhador do Brasil, entre outras, além de caminhões de empresas de distribuição e produtores de outras regiões, demonstrando uma centralidade construída a partir da periferia. A situação da feira reafirma a ideia do jornal da associação, de que a feira era um lugar de oportunidades de geração de emprego e renda (O Comunitário, 2005, p. 2).

Os trabalhos fotoetnográficos junto com a pesquisa histórica possibilitaram compreender que o lugar tem se constituído como um local de centralização cada vez mais forte. Na prática, observamos a noção de mobilidade de Telles (2010), visto que é impossível pensar a Feira do Bom Sucesso sem considerar seu entrelaçamento com as biografias do Sr. Pedro Ambrósio, Dona Fátima, o senhor Francisco, a Mayara do Mercadinho e tantos outros atores sociais cujas práticas urbanas deixam suas marcas no espaço que se objetivam para dialogar com outras histórias.

Vale ressaltar que Pedro Ambrósio foi candidato a vereador pelo PTB, em 2004, 2008 e 2012. No ano de 2016, disputou pelo PSC (Partido Social Cristão). Entre 2 de janeiro de 2019 e novembro de 2020, ele foi nomeado (Portaria/NOM/PR N° 014/2019) como Assessor Comunitário II, pelo presidente da Câmara Municipal José Carlos Soares Barros. É importante dizer, também, que aquela região da feira contou com o apoio do vereador

Antonio Félix de Sousa, conhecido como Toinho da Boca da Mata, que possuía base política naquela área¹².

É pertinente concordar com Burgess (2017), quando afirmou que a segregação e o isolamento possibilitam outras direções e outras maneiras possíveis de se adaptar e aprimorar. Pelo viés dele, o Bom Sucesso poderia ser compreendido como uma zona concêntrica de *commuters*, ou seja, áreas que inicialmente eram suburbanas que, por meio de processos metabólicos de sucessão, tendem a se aprimorar enquanto surgem novas áreas suburbanas que vão se anexando posteriormente, descrevendo uma dinâmica similar ao da relação entre estabelecidos e *outsiders* (Elias, 2000).

Já a perspectiva descritiva (ao apontar pessoas e suas biografias, eventos e a historicidade do processo), ofereceu uma rica complementaridade para compreender as dinâmicas que geram essa autonomia da nova centralidade. Os processos políticos, ou mesmo, como notou Elias (2000), os processos de coesão e conflito em relação ao tempo dos grupos e conhecimento entre os membros.

Figura 7 – Feira do Bom Sucesso em relação ao centro verticalizado



Fonte: Documentário: Atenção para este aviso (2021)

Na figura 7, é possível visualizar essas diferentes temporalidades e estruturas arquitetônicas na oposição entre verticalidade e horizontalidade, nos primeiro e terceiro planos da imagem. Elas narram a relação entre centro e periferia, na qual temos conhecimento que na área dos prédios funciona um supermercado da rede Mateus, enquanto na imagem observamos as lonas azuis da feira. Há aí, também, uma distância socioespacial, econômica e política. Tal imagem sinaliza uma distância geográfica que

¹² No documentário “Atenção para este aviso” é relatada a relação de Toinho da Boca da Mata e sua família com a Rádio Voz, que funciona na Feira do Bom Sucesso.

também se manifesta por meio das ausências do poder público, ao longo da história do bairro. Já as distâncias sociais (Bogardus, 1972) são alimentadas pelas notícias policiais, pela falta de informação e uma invisibilidade proposital desse lugar que emergiu historicamente de um contexto rural e de correntes migratórias, principalmente, do norte e nordeste. Enfim, a imagem expressa a existência de um muro simbólico erguido para isolar o Bom Sucesso. Ainda, esse segue sendo fragilizado pela dinâmica social do próprio bairro que passou a ocupar cada vez mais espaço na política municipal e no mercado varejista, gerando uma nova centralidade que expressa existência concreta ao lugar.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Dialogando com as pesquisas de Fernandes e Sousa (2013), o presente estudo possui um recorte que ultrapassou os limites do bairro Nova Imperatriz para analisar os processos de construção de centralidades no bairro Bom Sucesso, a partir da observação da Feira do Bom Sucesso.

Diferentemente dessa geografia urbana ou de uma história urbana (Franklin, 2008) atenta a influência dos grandes ciclos e projetos econômicos na construção da cidade, optei por uma escala de observação orientada por uma etnografia de rua que permitiu a descrição de mobilidades desenvolvidas pelos próprios atores sociais em seus desafios e trajetos cotidianos. Portanto, concluímos que os processos de mobilidade urbana são fundamentais para a compreensão da construção de uma nova centralidade caracterizada na Feira do Bom Sucesso. Isso porque a história social desse fenômeno sinaliza uma série de práticas, formas de organização, trajetórias de vida individuais que confluem para dentro de um projeto comum de reafirmação social do bairro, diante de outros centros da cidade de Imperatriz-MA. Trata-se de um processo que emergiu em um contexto marcado pelas distâncias geográfica e social, materializadas na carência de serviços públicos e na reprodução de uma representação deteriorada sobre o bairro.

Por outro lado, o processo de centralidade se constitui, também, pela construção de um sistema de comunicação local e de representação política construídos na efervescência daquele contexto e que se contrapunham ao processo de estigma. Esse sistema chamado de “Voz” foi bastante simbólico no processo de construção de uma legitimidade dessa feira popular, que emergiu, também, de mobilizações, eventos e atores sociais que caracterizam uma construção social daquele lugar que remonta à década de 1980.

Embora marcada por todos os tipos de distâncias (social e geográfica), a Feira do Bom Sucesso, atualmente, atrai compradores e vendedores de outras partes da cidade, sinalizando que a concentração comercial já não se limita ao tradicional centro da cidade de Imperatriz. Assim, as periferias (ou *commuters*) podem marcar um tipo de deslocamento e construção de novos centros. Tal fenômeno demonstra que diferentemente de um mosaico estático, a cidade apresenta dinâmicas paisagísticas e vida que acompanham os processos de mobilidade urbana, desenvolvidas por seus atores sociais. E a observação dessa movimentação constitui um rico campo para os estudos sobre centralidade.

REFERÊNCIAS

ACHUTTI, Luiz Eduardo Robinson. **Fotoetnografia da Biblioteca Jardim**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, Tomo Editorial, 2004.

AMBRÓSIO, Pedro dos Santos. [Entrevista cedida a] Jesus Pereira. Imperatriz, 08 de junho de 2018.

BOGARDUS, Emory S. Distância social na cidade. *In*: PIERSON, Donald. **Estudos de Organização Social**. Tomo II. São Paulo: Livraria Martins, 1972.

BONAMICHI, Nayana Corrêa. **Feiras livres: um breve estudo sobre tradição urbana, sociabilidade e resistência na cidade do Rio de Janeiro**. 2013. Monografia (Especialização em Política e Planejamento Urbano e Regional) – Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano e Regional, Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ, 2013.

BOURDIEU, Pierre. Efeitos do Lugar. *In*: BOURDIEU, Pierre (org.). **A miséria do mundo**. Petrópolis: Vozes, 1997. p. 159-175.

BOURDIEU, Pierre. **A Distinção: crítica social do julgamento**. São Paulo: Edusp, Porto Alegre: Zouk, 2007.

BURGESS, Ernest W. **O crescimento da cidade: Uma introdução a um projeto de pesquisa**. Tradução de Raoni Borges Barbosa. *Sociabilidades Urbanas – Revista de Antropologia e Sociologia*, v.1, n.2, p. 61-70, julho de 2017. ISSN 2526-4702.

CALDEIRA, Clóvis. **Mutirão, formas de ajuda mútua no meio rural**. São Paulo: Brasiliense, 1956.

CONCEIÇÃO, Alexandre Sousa da. 2021. **Trajetórias urbanas: carroceiros do mercadinho e suas mobilidades**. TCC (Licenciatura em Ciências Humanas/Sociologia) – Universidade Federal do Maranhão, Imperatriz, 2021.

DOCUMENTÁRIO: ATENÇÃO para este aviso. [S. l.: s. n.], 20/12/2021. 1 vídeo (17 min). Publicado pelo canal Implay Itz. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=NeDyaBY_42g. Acesso em: 28 out. 2023.

ECKERT, Cornelia; ROCHA, Ana Luiza Carvalho da. **Etnografia de rua: estudos de antropologia urbana**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2013.

ELIAS, Norbert. **Os estabelecidos e os outsiders**: sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.

FELTRAN, Gabriel de Santis. **Periferias, direito e diferença: notas de uma etnografia urbana**. Revista de Antropologia, v. 53, n. 2, 2012.

FERNANDES, Patrícia da Silva; SOUSA, Jailson de Macedo. Expressões de novas centralidades em Imperatriz (MA): uma expressão a partir da instalação dos serviços bancários no bairro Nova Imperatriz. *In*: SOUSA, Jailson de Macedo (org.). **O regional e o urbano no Sul do Maranhão**: delimitações conceituais e realidades empíricas. Imperatriz-MA: Ética, 2013. p. 219-250.

FILADELFO, Carlos. O tempo do mutirão: sentidos e (re)arranjos de família e casa entre mutirantes em um bairro periférico de São Paulo. **Revista de Antropologia**, v. 65, n. 1, 2022.

FOUCAULT, Michel. O nascimento da medicina social. *In*: FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. 25. ed. São Paulo: Graal, 2007. p. 79-98.

FRANKLIN, Adalberto. **Apontamentos e fontes para a história econômica de Imperatriz**. Imperatriz, MA: Ética, 2008.

IMIRANTE IMPERATRIZ. MP determina desocupação de ambulantes da feira do Bom Sucesso. **Imirante.com**, 2017. Disponível em: <https://imirante.com/noticias/imperatriz/2017/05/18/mp-determina-desocupacao-de-ambulantes-da-feira-do-bom-sucesso>. Acesso em: 23 out. 2023.

IMPERATRIZ. **Lei nº 1095/2004, de 1 de abril de 2004**. Dispõe sobre o Código de Postura. Imperatriz, MA: Diário Oficial do Município, 2004. Disponível em: https://novo.imperatriz.ma.gov.br/media/site/download/legislacao/02_lei_00850_97_codposturaalteracoes.pdf. Acesso em: 23 out. 2023.

IMPERATRIZ. **Portaria/NOM/PR nº 014/2019**. Dispõe sobre a nomeação de servidor para provimento de cargo em comissão. Imperatriz, MA. Publicada no Mural de Publicações Câmara de Vereadores, em 2 de janeiro de 2019. Disponível em: <https://www.camaraimperatriz.ma.gov.br/upload/portarias/45269.pdf>. Acesso em: 23 out. 2023.

LOIZOS, Peter. Vídeo, filme e fotografias como documentos de pesquisa. *In*: BAUER, Martin W.; GASKELL, George. **Pesquisa qualitativa do texto: imagem e som: um manual prático**. 2. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002. p. 137-155.

MOTT, Luiz. Feiras e Mercados: Pistas para pesquisa de campo. *In*: FERRETI, Sérgio (org.). **Reeducando o Olhar**: Estudos sobre Feiras e Mercados. São Luiz: Edições Universidade Federal do Maranhão, 2000. p. 13-34.

NASCIMENTO, Francisco. Voz Comunitária Pedro Ambrósio ecoa e informa no bairro Bom Sucesso. **Imperatriz Notícias**, 2023. Disponível em: <https://imperatriznoticias.ufma.br/voz-comunitaria-pedro-ambrosio-eco-e-informa-no-bairro-bom-sucesso/>. Acesso em: 23 out. 2023.

NOLETO, Agostinho. Imperatriz: desenvolvimento urbano. *In*: ACADEMIA IMPERATRIZENSE DE LETRAS (AIL). **Imperatriz 160 anos**. Imperatriz: AIL, 2012.

O COMUNITÁRIO. **Moradores participam de Mutirão**. Imperatriz. Edição de abril e maio de 2005.

O COMUNITÁRIO. **Feira do Bom Sucesso completa 18 anos**. Imperatriz. Edição de abril e maio de 2005.

PEREIRA, Jesus Marmanillo. Notas sobre a relação entre variáveis sociais e organização espacial: uma experiência de pesquisa na cidade de Imperatriz-MA. **Espaço e Cultura**, Rio de Janeiro, n. 40, p. 133-156, 11 dez. 2016.

PÉTONNET, Colette. A observação flutuante: exemplo de um cemitério parisiense. Traduzido por Soraya Silveira Simões. **Antropolítica**, Niterói, n. 25, p. 99-111, 2008.

POLLACK, Michel. Memória, esquecimento, silêncio. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, 1989.

TELLES, Vera da Silva. **A cidade nas fronteiras do legal e ilegal**. Belo Horizonte: Argvmentvm Editora, 2010.

TORRES, Rita de Cássia. **Aspectos sociológicos das feiras livres**: um estudo sobre a transformação socioeconômica da Feira do Bom Sucesso na cidade de Imperatriz-MA. 2012. Monografia (Aperfeiçoamento/Especialização em Sociologia) – Universidade Federal do Maranhão, Imperatriz, 2012.

SANT'ANNA, Maria Josefina Gabriel; PIO, Leopoldo Guilherme. Criação de novas centralidades no Rio de Janeiro contemporâneo: Praça da Harmonia e seu entorno na Gamboa. **Argumentos – Revista do Departamento de Ciências Sociais da Unimontes**, v. 1, p. 175-205, 2018.

SANTOS, Carlos Nelson Ferreira dos. **Movimentos urbanos no Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.

SANTOS, Milton. **O espaço dividido**: os dois circuitos da economia urbana. 2. ed. São Paulo: EDUSP, 2004.

SIMMEL, Georg. A metrópole e a vida mental. *In*: VELHO, Otávio Guilherme. **O fenômeno urbano**. Rio de Janeiro, Zahar, 1979.

SOUSA, Jailson de Macedo. **Enredos da dinâmica urbano-regional sul maranhense**: reflexões a partir da centralidade econômica de Açailândia, Balsas e Imperatriz. 2015. 558 f. Tese (Doutorado em Ciências Humanas) – Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2015.

NOTAS

TÍTULO DA OBRA

CENTRALIDADES EM DESLOCAMENTO: A VOZ QUE EMERGE DA FEIRA POPULAR E O SILÊNCIO DOS OUTROS

Jesus Marmanillo Pereira

Doutor em Sociologia

Universidade Federal da Paraíba (UFPB), Departamento de Ciências Sociais, João Pessoa, Brasil

jesusmarmans@gmail.com

<https://orcid.org/0000-0001-5220-5567>

Endereço de correspondência do principal autor

Rua Aline Ferreira Ruffo, 76, apto. 302, 58038-518, Bairro Manaíra, João Pessoa-PB, BR.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Ana Paula e José de Alencar que, gentilmente, me acompanharam e realizaram um importante trabalho de mediação.

LICENÇA DE USO

Os autores cedem à **Em Tese** os direitos exclusivos de primeira publicação, com o trabalho simultaneamente licenciado sob a [Licença Creative Commons Attribution 4.0 Internacional \(CC BY\)](#). Esta licença permite que **terceiros** remixem, adaptem e criem a partir do trabalho publicado, atribuindo o devido crédito de autoria e publicação inicial neste periódico. Os **autores** têm autorização para assumir contratos adicionais separadamente, para distribuição não exclusiva da versão do trabalho publicada neste periódico (ex.: publicar em repositório institucional, em site pessoal, publicar uma tradução, ou como capítulo de livro), com reconhecimento de autoria e publicação inicial neste periódico.

PUBLISHER

Universidade Federal de Santa Catarina. Programa de Pós-Graduação em Sociologia Política. Publicado no [Portal de Periódicos UFSC](#). As ideias expressadas neste artigo são de responsabilidade de seus autores, não representando, necessariamente, a opinião dos editores ou da universidade.

HISTÓRICO

Recebido em: 28/10/2023

Aprovado em: 12/01/2024

